

Barclays Bank: securitização da dívida demorará

O Presidente do Barclays Bank, banco inglês com créditos brasileiros de US\$ 700 milhões, John Quinton, acredita que a securitização da dívida externa do País (transformação em títulos), proposta pelo Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, será viável apenas daqui a uns três anos. Ainda assim, sua adoção está atrelada à garantia de agências oficiais, como o Banco Mundial (Bird). Quinton participou da reunião anual do Fundo Monetário Internacional (FMI), na semana passada em Washington, porque o Barclays tem assento no Comitê de Bancos Credores.

Ele evitou falar sobre o assunto e limitou-se a considerar de bom senso esta idéia exposta pelo ex-Ministro da Fazenda Mário Henrique Simonsen. Os dois estiveram presentes, ontem, no Seminário sobre o Panorama do Sistema Financeiro Internacional, promovido pela Associação Comercial do Rio de Janeiro. O encontro reuniu dez executivos de bancos ingleses, mas nenhum deles quis se manifestar sobre a questão da dívida externa brasileira. Bem humorado, mas irredutível, Quinton argumentou que este era um assunto político, sem nenhuma relação com sua visita ao Brasil.

Os executivos ingleses viajam hoje para São Paulo, onde vão repetir o Seminário e manter contatos com empresários paulistas. Na agenda deles não está previsto qualquer encontro com autoridades brasileiras. Sintetizando a opinião de vários banqueiros presentes, inclusive a do Diretor da Escola de Pós-Graduação da Fundação Getúlio Vargas, Mário Henrique Simonsen, Quinton observou que o Fundo Monetário Internacional (FMI) já começa a dar sinais de mudanças e considerou este um fato positivo nas próximas discussões sobre a dívida externa dos países em desenvolvimento.

O Vice-Presidente do London &

Continental Bankers, George Hoffman, acrescentou que o FMI vem se tornando mais flexível há quatro anos, diante da crise dos países endividados. Ainda assim, ele acredita que as negociações entre o Brasil e os credores serão longas, "bem mais do que se imagina".

Quanto à conversão da dívida em investimento de risco, os ingleses, com quem o Brasil tem uma dívida de cerca de US\$ 6 bilhões, preferem manter a sua tradicional cautela. Pelo menos foi o que disse Quinton.

— O Barclays — afirmou — poderá converter algumas dezenas de milhões de dólares de seus créditos com o Brasil, mas tudo depende da definição da Constituinte, da regulamentação da conversão, e da solução de outros problemas econômicos — que ele não especificou.

Os bancos ingleses, ao contrário dos americanos, não têm pressões legais para reclassificar o Brasil como mau pagador no próximo dia 26.

Já Hoffman se mostrou mais decidido e chegou a dizer que a intenção é converter em ações toda a dívida que o Brasil tem com o London Bankers, de US\$ 25 milhões. Essa posição, no entanto, está mais ligada à vontade do banco em se livrar dos créditos brasileiros do que propriamente em investir no País. De acordo com ele, o London Bankers não pensa em conceder tão cedo novos empréstimos ao Brasil, e os próximos investimentos ou serão diretos ou canalizados para as Bolsas de Valores.

● FMI — O fraco desempenho do comércio brasileiro nos três primeiros meses deste ano, segundo o Fundo Monetário Internacional, foi uma das principais causas da redução ocorrida no superávit comercial latino-americano no primeiro trimestre. Segundo o FMI, devido à queda das exportações e ao aumento das importações, o superávit comercial do Brasil baixou para US\$ 180 milhões, em comparação com os US\$ 2,14 bilhões em igual período de 1986.



A partir da esquerda: Roger Hart, George Hoffman, M. Simonsen, A. Temporal, John Quinton e Dundas Hamilton